



Havia uma lenda que falava sobre o mistério de vozes que moravam em uma gruta. Quem ousava entrar nela, acabava enlouquecendo, pois passava a ouvir vozes e fazer coisas terríveis. Coisas que as vozes mandavam elas fazerem.

Os mais velhos diziam que as vozes teriam o poder de persuadir as pessoas, e manipulá-las. Falavam também que todas as pessoas que entravam lá, tinham o mesmo fim: acabavam se suicidando, pois as vozes a induziam a isso também.

O que mais assustava todos moradores da vila que ficava próxima a gruta, é que não adiantava interdita-la ou colocar grandes avisos em sua entrada, pois do dia para a noite, tudo sumia. As pessoas diziam que algo maligno e poderoso se escondia na *Gruta da Vozes Malignas*, como era chamada. E seja lá o que fosse isso, parecia que queria ser encontrado.

Apesar de todos saberem que nunca deveriam entrar lá, os mais jovens gostam de contrariar regras e orientações dadas pelos mais velhos. Principalmente crianças que são desafiadas ou querem provar algo para outras pessoas.

Infelizmente, graças a um menino atrevido de doze anos, e a sua inocente irmã de nove, um dia, a lenda provou ser real.

Torr era o nome do menino atrevido, e Pandomina, o nome da sua inocente irmã.

Pandomina impressionava a todos com a coragem que tinha. Ela não tinha medo do escuro e do que poderia se esconder dentro dele, como fantasmas e criaturas monstruosas. Mas mesmo assim, ela dizia que da gruta tinha medo.

O medo da gruta que Pandomina tinha, sumiu no dia em que Torr começou a agir de forma diferente. Estranharam o fato de ele tentar afogar uma amiga no cocho de ração dos cavalos, enquanto recitava versos estranhos sem rima e sem sentido.

Assimilaram esse episódio com a possibilidade dele ter entrado no temido local. A dúvida se desfez após questionarem os jovens amigos de Torr, pois confessaram que o garoto realmente havia entrado na gruta para provar que era o mais corajoso do grupo.

Sem pestanejar, as pessoas amarraram o garoto na cama, enquanto ele gritava ensandecido. Pelo menos dessa forma ele não se mataria, deduziram as pessoas da vila e os desesperados pais de Pandomina.

Aquilo não foi algo interessante de Pandomina ver e ouvir, pois ela gostava muito daquele irmão. O que estava acontecendo deixou-a bastante irritada.

“Não tenho mais medo dessa gruta! Agora mesmo vou até ela para descobrir como ajudar meu irmão”, pensou ela franzindo o cenho. Enquanto todos voltavam a atenção para Torr esperneando e amarrado na cama, ela pulou a janela de sua cabana e correu em direção a gruta. Ela sabia que bastava seguir o rio, que a gruta estaria por perto.

Apesar de parecer uma atitude suicida, Pandomina não queria ficar louca e morrer. Em sua inocência, ela queria apenas tirar satisfação com as vozes da gruta, que eram responsáveis pela recente loucura do irmão.

Assim que avistou a entrada da gruta, sem pestanejar, Pandomina entrou. Foi se dirigindo ao fundo dela, onde a luz não conseguia chegar. Quando estava completamente no breu, as vozes surgiram.

- Que bom... foi fácil chegar aqui?... por que demorou tanto?
Pandomina percebeu que eram duas vozes diferentes. Sorrindo satisfeita pelo rápido contato, Pandomina ficou parada no escuro da gruta e perguntou:
- Quem são vocês? O que fizeram com meu irmão?
- FAÇA O QUE EU DIGO, FAÇA O QUE EU DIGO! - gritou a primeira voz.
- ...sim, será melhor para você... - orientou a segunda em tom de ameaça.
- Por que esperam que eu faça o que vocês querem? - perguntou a menina ignorando a hostilidade das vozes.
- VOCÊ VAI FAZER O QUE MANDARMOS, GAROTA! NÃO HÁ COMO EVITAR! - disse a primeira voz novamente gritando.
- Em poucos minutos nós estaremos no comando. Vai nos ouvir, e fazer tudo que mandarmos – completou a segunda, num sussurro assustador.
- Rá! Rá! Rá! - debochou Pandomina balançando os ombros na escuridão, que continuou:
- Não tenho medo de vocês. E saibam que eu não farei o que vocês querem, pois eu não quero...
- Ré! Ré! Ré! Impossível... sua pequena ignorante... - disse a primeira.
- Ri! Ri! Ri! - satirizou a segunda.
- AÉ?? ENTÃO VOCÊS VERÃO! – gritou Pandomina fazendo bico e dirigindo-se para a saída da gruta.
Enquanto isso, na vila, perceberam a ausência da garota, e todos imaginaram que ela também havia ido até a *Gruta das Vozes Malignas*. Desesperados, os pais de Pandomina correram, e um enorme grupo os seguiu.
No meio do caminho, viram a garota voltando. Ela parecia sorrir e chorar ao mesmo tempo.
O pai correu até ela e, segurando-a pelo ombro, perguntou:
- Filha!? Você não entrou lá? Entrou?
Pandomina não respondeu, apenas olhou para o graveto em sua mão, e levantou-o na direção do seu pai.
Eles não entenderam. O pai pegou o graveto e percebeu que a ponta estava úmida.
- Está molhado... isto é sangue... – disse ele num tom de voz bastante baixo, enquanto consultava a cor e textura do líquido que tingia seus dedos.
- Matei eles dois, papai... está vendo o sangue? Eu disse para eles pararem de falar, mas eles continuaram... não estou ouvindo mais eles agora.
Os longos cabelos da garota tapavam-lhe as orelhas, mas um pouco de sangue escorria de seus ouvidos, e manchava seus cabelos.
- Filha... – sussurrou entontecida a mãe de Pandomina.
- O problema, é que está doendo... e eu não estou ouvindo mais vocês também... – confessou a garota levando as mãos às orelhas, com lágrimas escorrendo pelo rosto, mas sorrindo ao mesmo tempo. - E pelo menos vamos poder matar os outros dois que entraram nas orelhas do meu irmão também...
Aturdidos, todos voltaram à vila.
Com muito pesar, os pais de Torr pediram para o curandeiro da vila torná-lo um surdo também. Chegaram à conclusão que essa era a única forma de fazer com que o garoto voltasse ao normal, e não se matasse.
Para todos os moradores daquela vila, ficou o alerta: a lenda é real, portanto, não deviam entrar na *Gruta das Vozes Malignas*.
Para Torr e Pandomina, ficou o fato: haviam perdido um dos sentidos, mas não a sanidade e a vida.
Bem, a vida com certeza, mas a sanidade, ninguém tinha certeza. Pois, depois que tornaram-se surdos, o passatempo predileto dos dois era entrar na gruta, e gritar, gritar e gritar, mesmo sem saber e ouvir o que estavam gritando. Faziam isso diariamente até que a garganta doesse.
Por meio de gestos ou escrita, diziam que as vozes não podiam fazer mais nada contra eles, mas eles sim, poderiam importunar as vozes todos os dias, até o fim das suas vidas.

www.marcoareliopaz.com.br

Se as vozes se incomodavam com a vingança barulhenta dos dois, ninguém soube, ou procuraria saber, pois ninguém entraria lá para perguntar.

Fim